

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA

A NATUREZA E A MITOLOGIA DO CERRADO NOS FIGURINOS DA
CONGADA

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Ciências Biológicas, do
Instituto de Biologia da
Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência
parcial para obtenção do título
de Bacharel em Ciências
Biológicas, sob a orientação
da Profa. Daniela Franco
Carvalho.

BIANCA CHIARA MOREIRA RIBEIRO

Uberlândia
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R484
2025 Ribeiro, Bianca Chiara Moreira, 1996-
A NATUREZA E A MITOLOGIA DO CERRADO NOS FIGURINOS DA
CONGADA [recurso eletrônico] / Bianca Chiara Moreira Ribeiro. -
2025.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Ciências Biológicas.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Biologia. I. Carvalho, Daniela Franco, 1974-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Ciências
Biológicas. III. Título.

CDU: 573

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Agradecimentos

À Dani, minha orientadora, por me acolher e nunca duvidar de mim. Sem a sua compreensão e o seu carinho este trabalho não teria sido feito.

À minha mãe Salette, por me trazer a este mundo e por me amar incondicionalmente do jeito que eu sou. Sua passagem por aqui foi breve mas me ensinou o que eu precisava para viver uma vida com amor, empatia e respeito ao próximo.

Aos meus avós Oneida e Canário, sem vocês eu não estaria aqui. Talvez um dia serão inventadas palavras para expressar corretamente o quanto sou grata e o quanto amo vocês.

À minha tia Terezinha, por ser minha segunda mãe e me acolher quando mais precisei. Sua força de vontade, disciplina e ética me inspiram em todos os dias da minha vida. Obrigada por acreditar em mim quando eu menos acredito.

Às minhas segundas mães Magna e Simone, por me acolherem como filha e sempre me apoiarem.

Aos meus filhos felinos Plutão e Rodrigo por todo o companheirismo, amor, e proteção. Com vocês ao meu redor eu nunca me sinto sozinha.

Aos meus amigos da rua e da arte, obrigada pelo apoio, paciência e por acreditarem comigo num mundo melhor e mais justo. Obrigada Ally por toda a ajuda.

Às minhas amigas e comparsas Nat, Malu, Bbk, F.Duds, Be, Bela. Obrigada por sempre me ouvirem e me ajudarem a navegar nas águas turbulentas da vida.

À minha terapeuta Leila, pela paciência, compreensão e determinação em me ajudar em todas as minhas missões.

E claro ao meu ídolo e inspiração máxima, Michael Jackson, referência eterna na minha vida em excelência, originalidade e ousadia. Todos os dias sigo na mesma missão deixada de tentar fazer do mundo um lugar melhor.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo central a concepção e ilustração de uma coleção de figurinos destinados a um cortejo de congada, cuja inspiração vem da riqueza biológica e cultural do Cerrado mineiro. A fauna, a flora e as mitologias regionais foram estudadas e transformadas em elementos visuais que compõem os trajes. Os elementos escolhidos são peças-chave e símbolos icônicos que constroem a estética e o imaginário do bioma Cerrado mesclados com as indumentárias utilizadas nas festas de congada que criam uma atmosfera de arte e natureza ao mesmo tempo que exaltam e reforçam tradições centenárias de resistência. Este projeto exalta as vivências artísticas e sociais que permeiam a trajetória da autora, cuja formação em Ciências Biológicas, bem como em arte, proporcionaram um olhar único e interdisciplinar para a criação dos figurinos. A interseção entre moda, graffiti, arte de rua, mitologia local e biologia do Cerrado foi cuidadosamente explorada, resultando em uma proposta que transcende a mera criação de vestimentas, assumindo um caráter de expressão cultural, artística e científica. A intenção foi buscar não apenas uma representação estética, mas também uma conexão com a identidade, pesquisa e a ancestralidade da autora. Esse trabalho busca contribuir para a valorização do patrimônio natural e cultural do Cerrado, da congada e da moda periférica, além de promover reflexão sobre a importância da interdisciplinaridade no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Cultura, Moda, Interdisciplinaridade

Abstract

The main aim of this work was to design and illustrate a collection of costumes for a congada procession, inspired by the biological and cultural richness of the Cerrado in Minas Gerais. The wildlife, flora and regional mythologies were studied and transformed into visual elements that make up the costumes. The elements chosen are key pieces and iconic symbols that build the aesthetics and imagery of the Cerrado biome, mixed with the costumes used in congada festivals that create an atmosphere of art and nature, while at the same time exalting and reinforcing centuries-old traditions of resistance. This project exalts the artistic and social experiences that permeate the trajectory of the author, whose background in Biological Sciences, as well as in art, provided a unique and interdisciplinary look for the creation of the costumes. The intersection between fashion, graffiti, street art, local mythology and Cerrado biology was carefully explored, resulting in a proposal that transcends the mere creation of clothing, taking on a character of cultural, artistic and scientific expression. The intention was to seek not only an aesthetic representation, but also a connection with the author's identity, research and ancestry. This work seeks to contribute to the appreciation of the natural and cultural heritage of the Cerrado, the congada and peripheral fashion, as well as promoting reflection on the importance of interdisciplinarity in the academic sphere.

Keywords: Culture, Fashion, Interdisciplinary

Introdução

O Cerrado brasileiro é reconhecido como um dos 25 hotspots de biodiversidade do planeta e constitui um bioma de extraordinária riqueza ecológica e cultural. Com mais de 12.000 espécies de plantas catalogadas e uma fauna diversificada que inclui espécies endêmicas ameaçadas de extinção, este ecossistema representa um patrimônio natural insubstituível (Myers et al., 2000). E assim como sua extrema importância ecológica, o Cerrado mineiro também abriga manifestações culturais originais e muito antigas. Uma delas é a congada, manifestação afro-brasileira, que com seus tambores ecoando como extensão dos ritmos do bioma, transforma-se em veículo de resistência cultural e celebração da ancestralidade. A íntima relação entre o Cerrado e a congada manifesta-se não apenas nos elementos simbólicos da festa, mas na própria materialidade de seus ritos. Os instrumentos musicais estabelecem um diálogo orgânico com o ambiente. A vegetação do Cerrado com suas formas retorcidas inspira as cores e texturas dos figurinos, enquanto as narrativas mitológicas locais, como a lenda do Saci-Pererê ou da Mãe-do-Ouro, permeiam os cantos e danças (Brasileiro, 2001). Esta interação entre cultura e natureza forma o substrato conceitual para o desenvolvimento da coleção de figurinos aqui proposta.

A criação das peças surge do meu íntimo e de todas as vivências da minha trajetória como mulher artista periférica. Sempre fui artista, desenhava desde cedo, e graças ao incentivo da minha avó Oneida pinteí meu primeiro quadro com tinta a óleo aos oito anos de idade. A partir daí trilhei uma jornada muito autêntica, rebelde e ousada. Sempre curiosa, sempre “do contra” eu divergia do resto da minha família em crenças, estilo e mentalidade. Minhas roupas, cuidadosamente escolhidas, eram uma forma consciente de expressar minha identidade e comunicar mensagens por meio do meu estilo.

Além de estudante de Biologia, me reconheço artista há quase uma década. Minha jornada começou no graffiti, uma das vertentes do Hip Hop, que me acolheu e se tornou o meu lugar no mundo. O movimento surgiu nos bairros periféricos de Nova Iorque e rapidamente se difundiu pelo mundo. No Brasil, o graffiti chegou e virou pixação, que além da tinta na parede é um estilo de vida e uma enorme comunidade que habita as sombras da cidade. Ao longo desses anos, produzi inúmeros eventos em diversas cidades e sigo ativa na cena cultural da minha região. O graffiti e a rua são os pilares da minha identidade artística; sua estética visual e suas ideologias atravessam tudo o que crio. A cultura periférica é extremamente rica e frequentemente sugada pelo *mainstream* para gerar dinheiro, e seus agentes originais quase sempre ficam de fora de produções inspiradas na nossa cultura. Compreendo que é fundamental que retomemos essas narrativas para nós mesmos, enquanto verdadeiros agentes criadores e criativos do underground. A nossa presença na Universidade, em galerias e projetos grandes produzindo com liberdade para ser quem somos é essencial para o fortalecimento dessas vozes.

A minha presença em ambientes e movimentos LGBTQIAPN+¹ influencia totalmente a minha arte e cosmovisão. Comecei a fazer *drag queen* e frequentar festas de *ballroom* em Belo Horizonte, cidade na qual morei por muitos anos. O *ballroom* é uma cultura periférica nascida de pessoas LGBTQIAPN+, latinas e negras nos Estados Unidos, que mesclaram influências do *breakdance* (outro pilar do Hip Hop) e do ballet para criarem um estilo de dança icônico chamado *Vogue*. Os frequentadores eram pessoas extremamente marginalizadas, sendo expulsas de suas casas e chegando a morar na rua. Isso tudo somada à grande epidemia de HIV e AIDS que dizimou esses grupos, fez com que essa comunidade criasse um forte senso de autoproteção. Eram formadas as casas (chamadas de *houses* dentro da cultura) e cada uma tinha suas mães, que literalmente cuidavam, davam abrigo e articulavam culturalmente esses jovens, formando verdadeiras famílias.

Eu era uma mulher *cis* performando a arte *drag*, nesse caso *drag queen*, por me montar com uma personalidade feminina exarcebada. Muita maquiagem, perucas, muito brilho e roupas icônicas. Nesse meio eu pude desabrochar e me aceitar do jeito que eu sou, e isso foi um ponto singular na minha vida. Ainda permaneço nesses espaços e sou grande fã das competições de *ballroom*, apesar de não fazer parte de nenhuma *house*. Os espaços da cultura *ballroom* vieram em resposta à marginalização desses grupos na sociedade, e são lugares de acolhimento, aceitação e principalmente de expressões artísticas extremas do corpo e psique humana. A vivência nesse submundo oculto me permitiu expandir ao máximo minha mente no âmbito artístico e humano, e essa influência é extremamente visível nos meus trabalhos. O corpo como arte, a performance artística e a confiança com o objetivo de expressão são conceitos que levarei por toda a minha trajetória artística.

Paralelamente ao curso de Ciências Biológicas, também me dediquei às formações técnicas nas áreas artísticas de meu interesse, entre eles corte e costura, modelagem e produção de moda. Este último, em especial, me deu uma base extremamente sólida e necessária para os projetos que desenvolvo atualmente, como por exemplo a elaboração de *briefings* e o uso estratégico de painéis semânticos (*moodboards*).

Minhas referências de moda sempre foram figuras subversivas e ousadas. Pessoas que desafiaram normas, romperam barreiras e reinventaram padrões. Dentre elas, destaco Michael Jackson, que, mesmo após 57 anos do início de sua carreira, ainda é reconhecido como o maior artista de todos os tempos. Sua postura vanguardista, a maneira como rompeu com a conformidade, sua ousadia e originalidade continuam sendo celebradas até hoje, ainda que essas mesmas características tenham sido motivo de perseguição enquanto ele ainda estava vivo. Outra figura que admiro profundamente é Vivienne Westwood, estilista britânica que foi peça-chave na consolidação do movimento punk. Suas criações, provocativas e desafiadoras, quebraram convenções e ajudaram a redefinir a moda contemporânea, tornando-a uma verdadeira lenda. Mulher autêntica e visionária, manteve-se fiel a seus ideais políticos mesmo ao ingressar no

¹ Sigla que corresponde aos grupos: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários. O "+" no final da sigla simboliza a inclusão de outras identidades que não estão mencionadas.

universo da alta costura e conquistar uma clientela influente. No Brasil, sempre admirei o trabalho de alguns estilistas como Alexandre Herchcovitch, Clodovil Hernandez e Zuzu Angel. Vivendo nessa bolha artística da moda eu pude também ter contato com inúmeros estilistas independentes do underground, e eles acabam tendo um impacto infinitamente maior nos meus trabalhos. Cito alguns: Lucas Pietro, da *Pierro Studios*, *Trashboy* da *Amortrash*, *Khaotho*, da *Cyberghetto* (marca uberlandense), Nando *Fresh* da *Fresh Lab Atelier*, Mayara Jubini, da *Artemisi*, *Nauzea*, da *NAUZ*.

Desde sempre a valorização das minhas origens é uma questão que eu dou extrema importância e, principalmente nas minhas viagens, faço questão de exaltar a minha cidade e a minha cultura. Ainda que Uberlândia seja uma cidade grande (a segunda maior de Minas Gerais) e localizada no sudeste brasileiro, se caracteriza como interior e isso afeta diretamente na visibilidade e no acesso de artistas da região. Busco trazer aspectos da cultura do Triângulo Mineiro nos meus trabalhos e de levá-los para lugares distantes onde frequento, contando a minha história, a história da minha cidade e da cena de Hip Hop local.

O conceito deste trabalho perpassa a tradição cultural do Congado em Uberlândia (MG) e se mescla à minha trajetória de vida. Brasileiro (2001; 2012) e Silva (2005) apontam a riqueza da diversidade da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, com os ternos munidos de seus tambores e chocalhos que saem dos quarteis de 25 pontos diferentes da cidade para se apresentarem no largo da igreja no segundo domingo de outubro. Há o levantamento de mastros, danças com uniformes multicoloridos, cantigas entoadas, batucada e movimentos de trançado de fitas (Figura 1).

Após a apresentação, ocorre uma procissão pelas ruas do centro da cidade que reúne milhares de fieis e um público crescente.



Figura 1: Congada em Uberlândia (MG). Crédito: Beto Oliveira/Agência Olhar Quântico

Nesse sentido, a manifestação cultural de cunho científico que estruturamos nessa pesquisa se configura na interface arte-ciência, no estímulo à criação de peças únicas, para que o Cortejo do Cerrado seja um misto de festa, conhecimento e alegria.

Metodologia

A escolha metodológica para esse trabalho partiu da necessidade de ferramentas de pesquisa que pudessem tornar visível o processo de produção dos figurinos e, ao mesmo tempo, que estivesse alicerçado no cotidiano da moda e da minha atuação profissional enquanto experiência de criação. Para Clandinin e Connelly (2001, p. 49) “a experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa”.

Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por esse espaço tridimensional: os estudos têm dimensões que abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares (Clandinin e Connelly, 2011, p.85).

Experienciar o entremeio dessa tridimensionalidade prospectiva e retrospectivamente no tempo, e introspectiva e extrospectivamente em si mesmo permite ao pesquisador se posicionar no centro do campo de pesquisa. E, “reconhecer essa centralidade de quem compõe narrativas próprias, introdutórias, e as leva à campo é central para a pesquisa narrativa” (Clandinin e Connelly, 2011, p.106).

Para tanto, o pesquisador narrativo registra ações e afazeres, além de simples acontecimentos e outras expressões narrativas, e “isso é o objeto da pesquisa narrativa para o pesquisador preocupado com o distanciamento e a intimidade na pesquisa” (Clandinin e Connelly, 2011, p.117). Ou seja, o trajeto da pesquisa narrativa está na vivência de diversas experiências de uma paisagem que proporcionam um processo reflexivo de aprendizagem baseado em recolher tais expressões narrativas em forma de textos de campo e recontá-las em uma pesquisa.

Por isso, trabalhar com narrativas na pesquisa exige uma relação dialógica de dupla descoberta entre pesquisador e objeto de estudo na mesma proporção que existe uma relação dialética entre narrativa e experiência (Cunha, 1997, p. 187-188). E, a partir da sensibilização dessa dialética, criam-se textos de campo.

Os textos de campos são como “representações construídas da experiência” o que, em um contexto de pesquisa narrativa, assume a fluidez de uma arqueologia da memória e do significado (Clandinin e Connelly, 2011, p.149). Dessa forma, os dados da pesquisa estão apresentados no formato narrativo e trazem o contexto da produção e atribuição de sentidos.

Na prática, esse tipo de pesquisa se baseia em registrar o que se vive, o que se faz, o que acontece, e outras formas de expressão que surgem naturalmente. O objetivo

é recolher essas experiências e depois recontá-las por meio da escrita, como uma forma de refletir e aprender. Trabalhar com narrativas exige uma troca real entre pesquisador e objeto de estudo, e ambos aprendem com o processo. Além disso, há uma ligação profunda entre o que se vive e como isso vira uma história. Por isso, os dados dessa pesquisa estão apresentados em forma de narrativa, mostrando como os figurinos foram criados e o que significam dentro do contexto vivido.

Biologia e Moda

A junção da Biologia com a Moda e como eu aplicaria esses conceitos nesse projeto foi um pensamento constante por muitos meses. Nesse meio tempo, enquanto a ideia cozinhava na mente, eu busquei primeiramente nas minhas vivências inspirações e informações sobre todos esses assuntos que permeiam esse trabalho. Fui à festa do Rosário em Uberlândia e acompanhei o cortejo da congada passando pela avenida. Eu já era frequentadora porque tenho dois primos que presidem um terno e sempre gostei de acompanhar, mas dessa vez fui com outro olhar. Um olhar de pesquisa, de curiosidade científica, de como eu ia apresentar esse universo no meio acadêmico. Observei as roupas, a estrutura do cortejo e a atmosfera geral do festejo. Queria fazer justiça à enorme resistência cultural e social que segue vibrante nas ruas da minha cidade, mas ao mesmo tempo trazer ideias subversivas e ousadas para conectar esse mundo com o mundo da moda e das artes visuais.

A minha ideia foi de um desfile de moda que simula um cortejo de congada. A tradição é respeitada e constantemente usada de inspiração, mas também é testada e levada a seu limite. Busquei conectar o moderno com o tradicional, além do meu toque pessoal que confere identidade visual aos meus trabalhos.

A funcionalidade dos trajes foi pensada para um evento de desfile de moda, que embora seja baseado num cortejo de congada não oferece os mesmos desafios, como o de andar no asfalto da rua e desfilar por longos trajetos e espaços de tempo.

O primeiro passo para eu tirar do mundo das ideias ou do papel qualquer projeto é fazer um painel semântico. Conforme Pereira (2010), o painel semântico, também chamado de *moodboard*, é um quadro que combina uma série de referências imagéticas que representam a atmosfera do projeto, e é a base da estruturação de ideias que surgem durante seu processo. Na produção de moda o painel semântico é um item indispensável para o início e também para a execução de qualquer projeto, editorial ou ação. Ele permite que as ideias fiquem cada vez mais claras, sendo possível identificar possíveis padrões e arranjos do conceito que será trabalhado, construindo também novos significados. Fiz um *moodboard* para cada figurino, e neles eu expressei a minha intenção com as roupas, atmosfera geral e também do personagem que eu queria construir.

Listei os símbolos mais icônicos do Cerrado mineiro, sendo eles organismos da fauna e flora, lendas e aspectos socioculturais, e conceitos do ecossistema em geral. Analisei cuidadosamente conforme minha intenção com este trabalho e selecionei quais me tocavam de uma forma mais profunda e eu queria usar. Tentei fugir de espécies

muito usadas e retratadas na cultura pop ao máximo, como por exemplo o lobo-guará e o tucano.

A primeira produção foi pensada como integrante da congada de cima, na figura do Embaixador. Ele vem na frente carregando uma bandeira que exalta o estado de Minas Gerais, fonte de inspiração deste projeto. O organismo usado de referência é o *Iphimeis dives*, besouro verde presente no estado de Minas Gerais². A coloração e a textura me remetem a uma estética futurista, cyberpunk, então busquei retratar isso no personagem. Almejei retratar um personagem exibido, já que ele vem primeiro e apresenta o cortejo. Me inspirei também na icônica *Grace Jones*, artista com ricos trabalhos visuais e performáticos.



Figura 2: Moodboard construído para o figurino 1.

No figurino da segunda personagem, quis fazer uma rainha da parte de cima do cortejo. Me inspirei em uma lenda do povo Xavante, etnia indígena que habita o Cerrado entre Minas Gerais e Mato Grosso^{3 4}. De acordo com a lenda, um guerreiro admirava a noite e o céu estrelado e notou uma estrela vibrante que brilhava mais que as outras. Essa estrela se materializou em uma bela moça, e se apaixonaram instantaneamente. A noite assim como o dia é essencial para qualquer ecossistema terrestre. Processos como fotossíntese, respiração vegetal e evaporação da água acontecem com a presença ou ausência da luz do Sol, e eu quis exaltar essa magia que presenciamos todos os dias, que além de etérea é essencial para a manutenção da vida no planeta. Foquei numa paleta fria e azulada, que remete à noite e à figura de estrela

² Besouros crisomelídeos de Minas Gerais. *Insetologia*. Disponível em: <https://www.insetologia.com.br/2020/11/besouros-crisomelideos-de-minas-gerais.html>. Acesso em: dez. 2024.

³ CÉSCHI, Cristiana (narração). História do Wapté e da Estrela. In: WAMRÊMÊ ZARA – Nossa Palavra: Mito e História do Povo Xavante. São Paulo: Senac SP, 2005.

⁴ XAVANTE. *Povos Indígenas no Brasil*. Instituto Socioambiental, 2025. Disponível em: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>. Acesso em: jan. 2025.





Figura 4: *Moodboard* construído para o figurino 3.

No quarto personagem, quis trazer uma atmosfera mística. Desde o primeiro momento, pensando neste figurino, quis usar de referência o look icônico de noiva da grife Vivienne Westwood, em que a modelo está vendada e com as mãos atadas. Seu nome “Fé” faz uma alusão dupla à fé cega, uma positiva e uma negativa: a confiança da personagem ao desfilar vendada pois tem fé em algo que a guia, e a falta de visão ampla dos indivíduos cegos pela fé limitante, que se recusam a enxergar o que se encontra bem na sua frente. O organismo do Cerrado que usei de modelo foi a cobra-coral (*Micrurus frontalis*).



Figura 5: *Moodboard* construído para o figurino 4.

A quinta produção foi inspirada na siriema, ave que habita o Cerrado mineiro e apresenta uma coloração muito interessante para estilizar um *look*. O personagem é do guerreiro, que vem no cortejo de baixo da congada. Inclui uma espada e uma serpente subjugada para reforçar a ideia de guerreiro, fazendo menção também à dieta da siriema, que inclui serpentes. O tênis Mizuno é uma peça chave no vestuário periférico. O personagem também segura um tambor, seu instrumento no cortejo.



Figura 6: *Moodboard* construído para o figurino 5.

O figurino 6 foi pensado como uma homenagem aos conguinhos, as crianças que participam do cortejo da congada. A arara canindé foi a maior inspiração para as peças, assim como os adereços da etnia Xakriabá⁵, que também habita o estado de Minas Gerais. Os instrumentos desse personagem são a gunga e o ganzá. As crianças representam o futuro, e têm seu lugar reservado no cortejo de baixo, sendo valorizados por suas vontades e personalidades, o que na minha opinião é um jeito de criar adultos responsáveis e com auto estima. A participação desses jovens é essencial para manter a tradição viva e fluindo.

⁵ XAKRIABÁ. *Povos Indígenas no Brasil*. Instituto Socioambiental, 2025. Disponível em: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%C3%A1>. Acesso em: jan. 2025.



Figura 7: *Moodboard* construído para o figurino 6.

Para começar a ilustrar os figurinos eu fiz um esboço no papel. Com papel sulfite simples e lápis HB eu tracei as figuras humanas e uma ideia de como eu queria os trajes. Do primeiro rabisco ao desenho final eu alterei diversos elementos. Fotografei os papeis e transferi para um tablet modelo iPad 6ª geração, em que uso o programa Procreate, nativo do aparelho.

A partir daí fiz o processo de vetorização e ilustração dos desenhos, adicionando cores e acabamentos. Os pincéis usados foram o aerógrafo firme para traços e o carvão para as fitas e acessórios variados. Os desenhos técnicos foram feitos no *Corel Draw* e *Autodesk Sketchbook*, programas que uso há muitos anos, portanto tenho domínio de suas funções.



Figura 8: Esboços iniciais dos desenhos.

Figurinos

O figurino número 1 abre o cortejo, marcando presença com uma figura que mistura exuberância e confiança, inspirada em um besouro verde típico do Cerrado mineiro. Essa personagem carrega uma bandeira de cetim com a estampa da bandeira de Minas Gerais, adornada com pedrarias e strass, e finalizada com fitas nas cores do cortejo. A silhueta é destacada por um macacão de látex verde neon com mangas e pernas compridas, criando um visual futurista e brilhante. Por cima, um poncho de paetê reflete a luz e intensifica a aparência reluzente da personagem.



Figura 9 - Figurino 1.

O acessório principal é um grande par de óculos com antenas de besouro acopladas, complementando a estética insetoide. O personagem calça um *Nike Shox 12* molas modificado com uma plataforma alta, reforçando a imponência do primeiro da fila. O brinco em formato de besouro verde e o batom vermelho finalizam a composição. A construção dessa figura teve como referência a estética poderosa de Grace Jones, figura de grande influência na cultura pop, que esbanjava androginia e versatilidade em seus figurinos. O nome Vanguarda remete à posição de frente do personagem, tanto fisicamente quanto conceitualmente, por ser uma figura ousada e futurista.

Vale ressaltar aqui que desde que comecei a desenhar personagens eles possuem a cor da pele turquesa (uma mistura de azul e verde) e esse é um traço muito forte da minha identidade visual, além da paleta de cores.

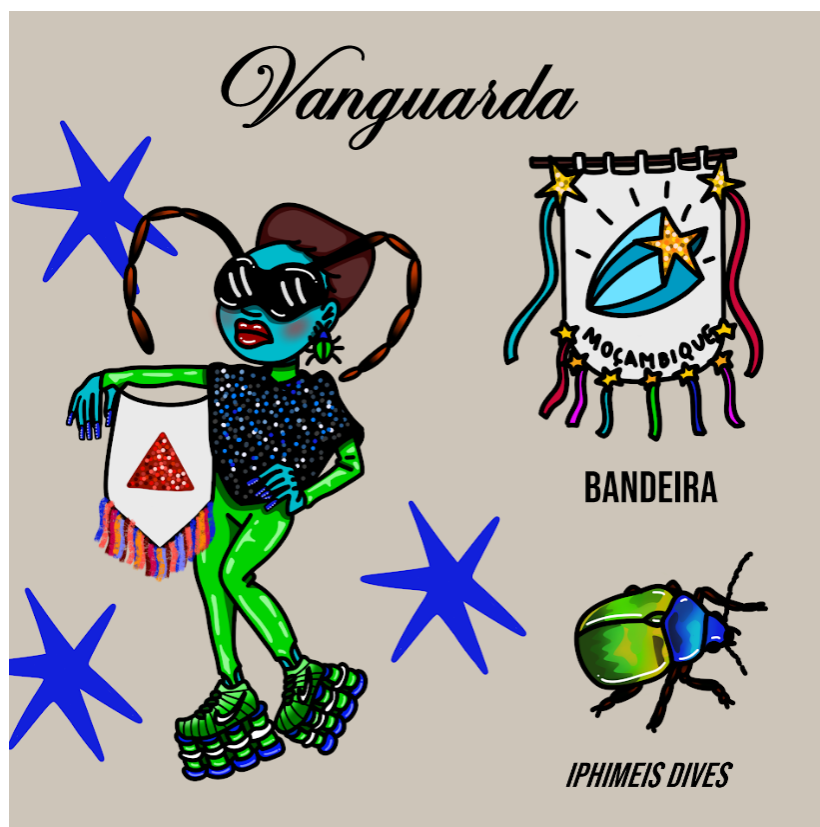


Figura 10 - Elementos utilizados no figurino 1.

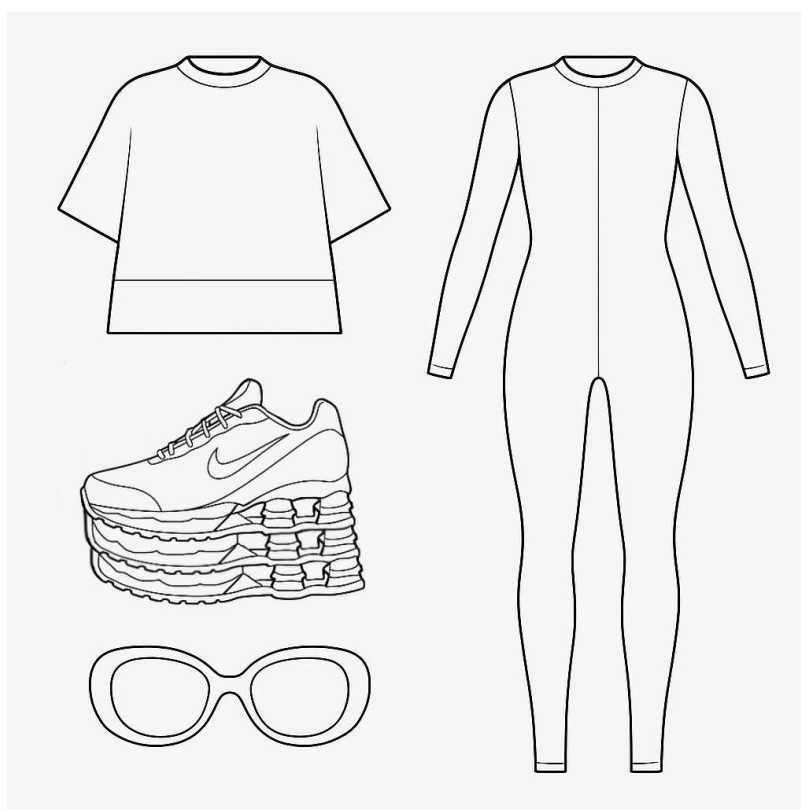


Figura 11 - Desenhos técnicos do figurino 1.

O figurino número 2 possui uma tiara com estrelas feitas de alumínio, um corset de cetim estruturado com alças de organza e aplicações de strass e cristais. A estrutura é composta por barbatanas de metal e o forro de algodão. Possui acabamento com viés acetinado nas extremidades. As luvas são feitas de malha de poliamida, um tecido que estica. A saia com recortes irregulares e assimétricos é feita de organza e presa com estrela de alumínio. O véu estrelado é feito de tule fino, um tecido transparente e leve. A sandália é do modelo gladiadora. A figura segura um buquê de flores de Ipê-branco e o instrumento gunga em um dos pés. O nome remete à lenda Xavante mencionada anteriormente.



Figura 12 - Figurino 2.



Figura 13 - Elementos utilizados no figurino 2.



Figura 14 - Desenhos técnicos do figurino 2.

O figurino número 3 apresenta um top estruturado confeccionado em tecido holográfico dourado, cobrindo o busto e com detalhes em relevo que adicionam textura e brilho. A parte inferior é composta por uma calça pantalone oversized na cor mostarda cintilante, feita de sarja acetinada. Sobre a calça, há uma saia fluida de organza com aplicações de strass nas cores dourado e amarelo. Nas costas, uma capa longa de tecido de paetê dourado com ombreiras estruturadas e aplicações de strass dourado reforça a imponência da figura.



Figura 15 - Figurino 3.

Como acessórios, o look inclui braceletes e piercings dourados. A cabeça é adornada com uma coroa de raios dourados feita de acetato pintado com spray dourado e decorada com strass. A figura segura um cajado semelhante a um cetro, feito de madeira com detalhes em acetato dourado formando raios solares. Nos pés, tênis com plataforma enfeitados com strass dourado finalizam a composição.



Figura 16 - Elementos utilizados no figurino 3.



Figura 17 - Desenhos técnicos do figurino 3.

O figurino número 4 representa uma personagem enigmática e simbólica, vendada com um tecido de cetim, evocando a ideia de intuição e confiança no oculto.



Figura 18 - Figurino 4.

A parte superior é composta por um top estruturado que mistura cetim, jeans e látex, criando um contraste de texturas e materiais que remetem à dualidade entre o moderno e o clássico. A parte inferior traz uma saia de cetim fluida, presa por um cinto de couro com aplicações de strass nas cores da cobra coral, fazendo referência direta ao animal usado como inspiração. Nos pés, a personagem calça um salto plataforma alto, confeccionado em látex vermelho, que acentua o impacto visual do look. A figura possui quatro braços, cada um segurando um objeto: uma rosa, um violino, uma fita com as cores do cortejo e uma cobra coral em harmonia com a anatomia e interagindo com a *persona*. Como acessórios, usa elementos dourados e batom vermelho intenso. É uma personagem extremamente performática e carregada de simbolismos.



Figura 19 - Elementos utilizados no figurino 4.

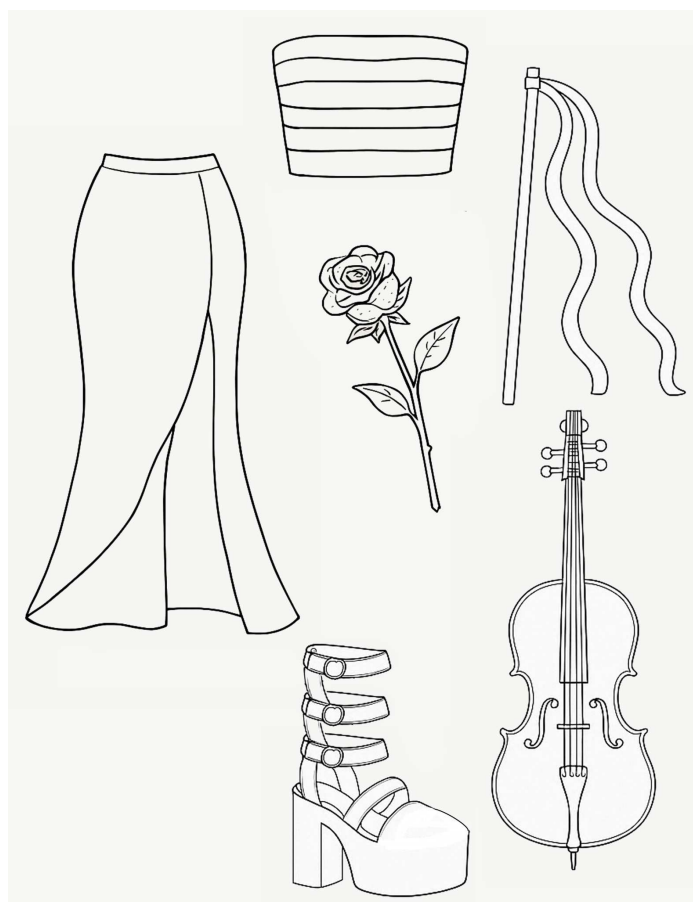


Figura 20 - Desenhos técnicos do figurino 3.

O figurino número 5 representa uma figura andrógina do Guerreiro, uma entidade envolta em mistério, com cabelos longos e olhos negros sem íris, reforçando seu aspecto enigmático. Inspirado na siriema, o personagem usa uma máscara azul e penas nas cores da ave. A parte inferior é composta por uma calça cargo oversized feita de sarja laranja espessa, com bolsos tipo caixa de leite, acentuando o estilo *streetwear* do traje. Nos pés, o personagem calça um tênis Mizuno laranja, o que cria um elo entre a ancestralidade, natureza e a estética urbana contemporânea.



Figura 21 - Figurino 5.

Como acessórios, usa colares de contas nas cores do cortejo, remetendo às guias de religiões afro-brasileiras. No cinto de sarja, uma pena metálica de siriema funciona como fivela. Uma espada presa ao cinto reafirma sua identidade como guerreiro, enquanto uma cobra subjugada aos seus pés faz alusão tanto à dieta da siriema quanto à sua posição de força e proteção. Seu instrumento no cortejo é o tambor, cujo som retumbante e grave reforça o conceito de guerreiro.



Figura 22 - Elementos utilizados no figurino 5.

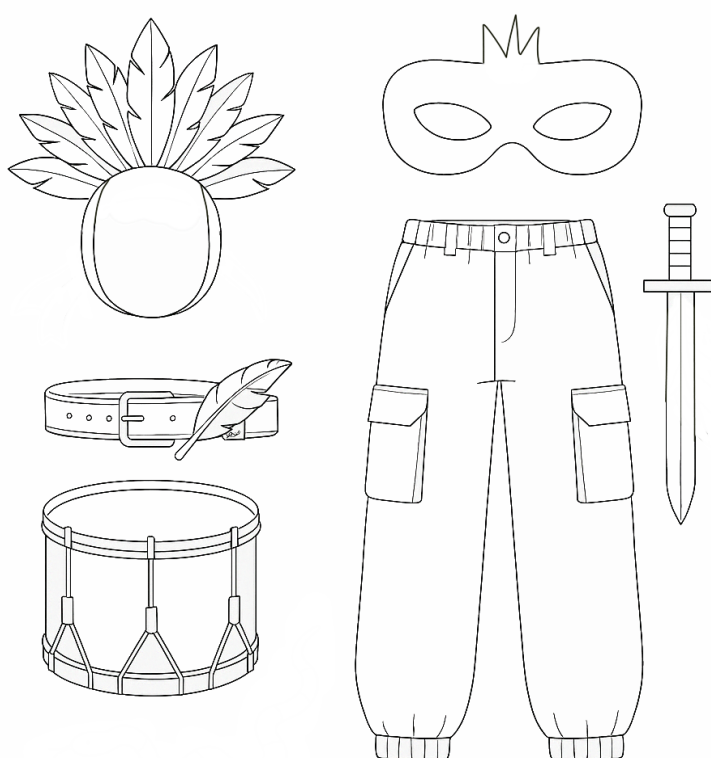


Figura 23 - Desenhos técnicos do figurino 5.

O último figurino é uma homenagem aos conguintos, as crianças que trazem alegria e leveza e têm um papel vital no cortejo. Neste *look*, a inspiração vem da arara canindé e dos trajes Xakriabá, com suas cores vibrantes. O boné é adornado de penas com aplicações de strass e com fitas acopladas que trazem mais movimento conforme a criança desfila pelo cortejo.



Figura 24 - Figurino 6.

O figurino carrega a simplicidade da infância, mas com um destaque e sofisticação que realça a importância dos pequenos na dinâmica do cortejo. O conjunto principal é laranja com bordas, golas e punhos com aplicação de strass. Nos pés, um tênis clássico da *Nike*, ícone da cultura pop e urbana, conecta esse universo de tradição com a estética moderna, enquanto os instrumentos, a gunga e o ganzá, são mais do que simples acessórios: eles carregam a energia ancestral do cortejo. O nome Chico Erê é um nome extremamente afetivo pois é a junção do nome do meu afilhado com o nome dado aos espíritos infantis em religiões afrobrasileiras.



Figura 25 - Elementos utilizados no figurino 6.

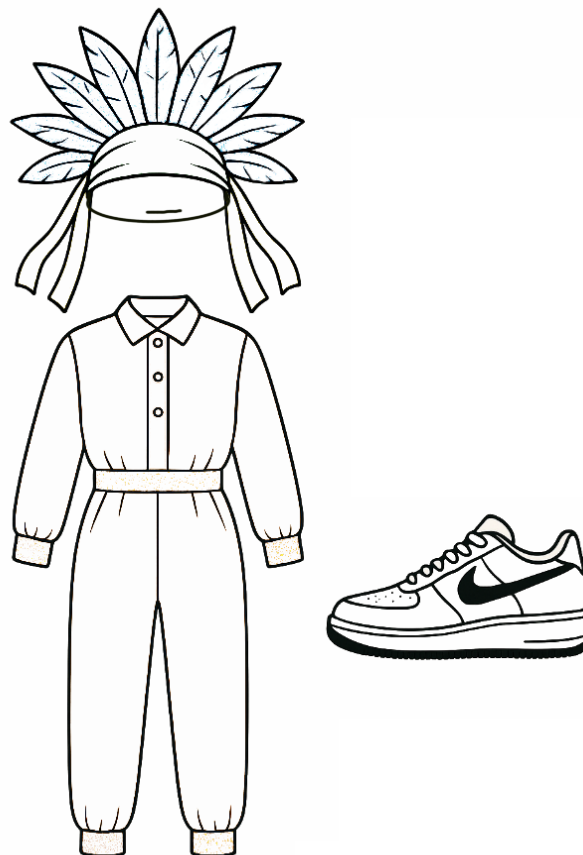


Figura 26 - Desenhos técnicos do figurino 6.

Conclusão

Criar os figurinos para o cortejo de congada foi uma experiência intensa de conexão entre corpo, território e memória. Ao mergulhar no Cerrado, fiquei imersa não só em um bioma riquíssimo em biodiversidade, mas em um universo pulsante de símbolos e histórias, que persistem mesmo com o impacto profundo da ação humana que torna esse ecossistema tão ameaçado. Transformei diversos elementos naturais corriqueiros em material estético e narrativo. Meu processo criativo envolveu estudos em biologia e ecologia, cultura, mitologia, moda, e ancestralidade das manifestações afro-brasileiras que resistem e florescem mesmo sob apagamentos históricos. A congada, como manifestação que mistura dança, fé e resistência, se tornou o palco ideal para essa exaltação visual da vida e da luta, tanto da natureza quanto da cultura.

Os personagens e trajes nasceram desse cruzamento entre ciência e história pessoal, dados científicos e afetos, relações ecológicas e pulsão criadora. Incorporam texturas, formas e cores inspiradas na fauna e flora do Cerrado, e também evocam as divindades e entidades presentes nas crenças populares e na religiosidade dos povos que habitam esse território.

A arte é a exaltação e preservação do Cerrado. Ao ilustrar e criar artes inspiradas em suas características, preservo a memória desse bioma, de suas espécies e seus modos de vida, assim como fortaleço formas de transmitir esse conhecimento de maneira sensível, expandindo o alcance da ciência através do corpo, da cultura e da moda. O conhecimento científico se soma aos conhecimentos populares e à arte para construir um imaginário vivo, vibrante e politicamente engajado em defesa do Cerrado e das vidas que ele abriga.

Referências

BARBOSA, Alexsandra Aparecida Cardoso. Congada: vivência pretas e as lutas contra os preconceitos que atingem a festa. 2023. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

BRASILEIRO, Jeremias. Congadas de Minas Gerais. Fundação Palmares, 2001. 150 p.

BRASILEIRO, Jeremias. Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural, 1996-2006. 2006. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

BRASILEIRO, Jeremias. O ressoar dos tambores do congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). Dissertação de mestrado. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2012. 192 p.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research. Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA!: AS NARRATIVAS COMO ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS NA PESQUISA E NO ENSINO. Rev. Fac. Educ. [online]. 1997, vol.23, n.1-2 [cited 2019-05-28], pp.-. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-2555.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>.
<https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>

MYERS, N. et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, v. 403, p. 853-858, 2000. <https://doi.org/10.1038/35002501>

PEREIRA, Taís Vieira. *MoodBoard como espaço de construção de metáforas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em:
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3029>. Acesso em: jan. 2025.

SANTOS, Renê Aparecido. O congado vive em mim: um estudo sobre a etnomatemática presente nas manifestações culturais afro-brasileiras. 2019. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Matemática) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020.

SILVA, Vívian Parreira da. A tradição cantada - a congada de Uberlândia por meio dos versos registrados no projeto Congado, um espetáculo popular: cultura do povo Uberlândia - 2000. 2005. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

Wamrémê Za'ra – Nossa Palavra, Mito e História do Povo Xavante. Editora Senac SP, 2005.

Besouros crisomelídeos de Minas Gerais. *Insetologia*, 2020. Disponível em:
<https://www.insetologia.com.br/2020/11/besouros-crisomelideos-de-minas-gerais.html>. Acesso em: dez. 2024.